

PRÊMIO  NOBEL  
COMPANHIA DAS LETRAS

**WILLIAM  
FAULKNER  
ABSALÃO,  
ABSALÃO!**

# Sumário

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

Sobre o autor

Créditos

# I

De um pouco depois das duas da tarde até quase o sol se pôr na longa, calma, quente, maçante e ociosa tarde de setembro, eles permaneceram sentados no que a srta. Coldfield ainda chamava de escritório porque assim o tinha chamado seu pai—um quarto escuro, quente e abafado, com todas as venezianas fechadas e trancadas havia quarenta e três verões porque quando ela era menina alguém acreditara que luz e ar corrente traziam calor e que no escuro era sempre mais fresco, um cômodo que (à medida que o sol batia com mais e mais força naquele lado da casa) ficava rajado de talhos amarelos repletos de grãos de poeira que, para Quentin, pareciam as lascas da própria tinta velha e seca, soltas das venezianas descamadas como se o vento as tivesse soprado para dentro. Havia uma trepadeira de glicínias florindo pela segunda vez naquele verão numa treliça de madeira em frente a uma janela na qual pardais surgiam de vez em quando em rajadas impetuosas, fazendo um barulho seco, vívido e empoeirado antes de sair voando: e, diante de Quentin, a srta. Coldfield no luto eterno que vestia havia quarenta e três anos, se por irmã, pai ou não-marido ninguém sabia, sentada tão empertigada na cadeira dura e reta que de tão alta para ela deixava suas pernas penderem verticais

e rígidas como se tivessem tíbias e tornozelos de ferro, sem tocar o chão com aquela aparência de raiva estática e impotente como os pés de uma criança, e falando naquela voz soturna, exausta e atônita até que, por fim, o ouvir renunciaria e o sentido da audição se confundiria e o objeto havia muito enterrado de sua frustração impotente mas indômita emergiria como se evocado por ultrajada recapitulação, sereno, distraído e inofensivo, saído do paciente e onírico e vitorioso pó.

Sua voz não cessava, se desvanecia apenas. Havia a escuridão baça cheirando a defunto, adoçada e superadoçada pela glicínia que floria pela segunda vez contra a parede externa, pelo sol inclemente e sereno de setembro, destilada e hiperdestilada, na qual penetrava de vez em quando o farfalhar forte e confuso dos pardais como uma vareta de madeira fina estalada por um menino à toa, e o cheiro rançoso de carne velha de mulher havia muito resguardada na virgindade, enquanto o rosto descorado e exausto o fitava sobre o triângulo pálido de rendas em punhos e garganta da cadeira alta demais onde ela parecia uma criança crucificada; e a voz não cessando mas desvanecendo para dentro e para fora dos longos intervalos como um regato, um filete correndo de banco a banco de areia seca, e o fantasma cismando com sombria docilidade como se fosse a voz que ele assombrava, enquanto outro mais afortunado teria uma casa. De um silencioso trovão ele irromperia (homem-cavalo-demônio) numa cena pacata e decorosa como uma aquarela premiada na escola, um vago cheiro de enxofre ainda nos cabelos, roupas e barba, e, agrupado atrás dele, seu bando de pretos selvagens, como feras meio domadas para

andarem eretas como homens, com ares selvagens e tranquilos e, algemado entre eles, o arquiteto francês com sua aparência triste, exausta e esfarrapada. Imóvel, barbado e com a palma da mão erguida estava o cavaleiro; atrás dele, os negros selvagens e o arquiteto cativo se ajuntavam em silêncio, carregando em incruento paradoxo as pás e picaretas e machados de uma conquista pacífica. Então, no longo desassombro Quentin pensou que estava vendo-os invadir abruptamente as cem milhas quadradas de terra calma e atônita e arrancar violentamente casa e jardins simétricos do Nada silencioso e deitá-los como se fossem cartas de baralho sobre uma mesa diante daquele de palma erguida, o imóvel e pontifical, criando a Centena de Sutpen, o *Faça-se a Centena de Sutpen* como o ancestral *Faça-se a Luz*. Então a audição se conciliava e ele agora parecia ouvir dois Quentins diferentes—o Quentin Compson que se preparava para Harvard no Sul, o Sul profundo morto desde 1865 e habitado por fantasmas prolixos, ultrajados, desnorteados, ouvindo, tendo que ouvir um dos fantasmas, que havia mais tempo ainda que a maioria se recusava a descansar, contar-lhe sobre velhos tempos fantasmagóricos; e o Quentin Compson que ainda era jovem demais para merecer ser um fantasma, mas tendo que sê-lo por tudo aquilo, pois nascera e fora criado no Sul profundo feito ela —os dois Quentins diferentes falando agora um com o outro no longo silêncio de não-pessoas em não-língua, assim: *Parece que esse demônio—seu nome era Sutpen—(coronel Sutpen)—coronel Sutpen. Que veio do nada e sem aviso para esta terra com um bando de pretos estranhos e construiu uma fazenda—(abriu*

*violentamente uma fazenda, diz a srta. Rosa Coldfield)—violentamente. E casou-se com a irmã dela, Ellen, e gerou um filho e uma filha que—(Sem carinho gerou, diz a srta. Rosa Coldfield)—sem carinho. Que deveriam ter sido as joias de seu orgulho e o abrigo e conforto de sua velhice, só que—(Só que eles o destruíram ou algo assim ou ele os destruiu ou algo assim. E morreram)—e morreram. Sem pesar, diz a srta. Rosa Coldfield—(Exceto dela) Sim, exceto dela. (E de Quentin Compson) Sim. E de Quentin Compson.*

“Porque você vai embora para cursar a universidade em Harvard, foi o que me contaram”, disse a srta. Coldfield. “Por isso eu imagino que nunca voltará para cá para se estabelecer como um advogado rural numa cidadezinha como Jefferson, uma vez que o povo do Norte já cuidou de deixar pouca coisa no Sul para um jovem. Por isso, talvez entre na profissão literária como tantos cavalheiros e também damas do Sul estão fazendo agora e talvez algum dia se lembre disso e escreva sobre isso. Você já estará casado na ocasião, eu imagino, e quem sabe sua esposa vá querer um vestido novo ou uma cadeira nova para a casa e você poderá escrever isso e oferecer às revistas. Talvez até se lembre com carinho da velha que o fez passar uma tarde inteira sentado dentro de casa ouvindo enquanto ela lhe falava de pessoas e fatos dos quais você teve a sorte de escapar, quando preferiria estar na rua com amigos jovens da sua idade.”

“Sim, senhora”, disse Quentin. *Só que isso não é verdade*, pensou ele. Ainda era cedo então. Ele ainda trazia no bolso o bilhete que tinha recebido da mão de um negrinho pouco antes do meio-dia, pedindo-lhe que a visitasse—o pedido singular,

rigidamente formal que era, na verdade, uma intimação, vindo quase de outro mundo—a estranha folha de papel de carta antigo de qualidade coberta pela caligrafia boa, apagada, miúda que, devido ao espanto dele diante do pedido de uma mulher com três vezes a sua idade e a quem conhecia desde que nascera sem com ela ter trocado uma centena de palavras ou, talvez, devido ao fato de ter apenas vinte anos, ele não reconheceu como revelador de um caráter frio, implacável e até cruel. Ele obedeceu logo depois do almoço, atravessando a meia milha entre o seu lar e o dela no calor seco e poeirento do início de setembro e entrando na casa (esta também, de alguma maneira, era menor que seu tamanho real—tinha dois andares—, sem pintura e um pouco maltratada, mas com um ar, uma qualidade de inflexível durabilidade como se, como ela, tivesse sido criada para integrar e complementar um mundo sob todos os aspectos um pouco menor do que aquele em que se encontrava) onde, na escuridão do vestíbulo com as venezianas fechadas cujo ar era ainda mais quente que lá fora, como se nele estivesse aprisionado, como num túmulo, todo o suspirar do tempo lento e carregado de calor que se repetira durante os quarenta e três anos, a pequena figura de preto que nem sequer farfalhava, o triângulo descolorado de renda em punhos e garganta, o rosto torvo fitando-o com expressão inquisitiva, urgente e intensa esperava para convidá-lo a entrar.

*É porque ela quer que isso seja contado pensou ele para que pessoas que ela jamais verá e cujos nomes jamais ouvirá e que nunca ouvirem seu nome nem vejam seu rosto o leiam e saibam enfim por que Deus permitiu que nós perdêssemos a Guerra: que*

*somente através do sangue dos nossos homens e das lágrimas das nossas mulheres Ele poderia deter esse demônio e apagar seu nome e linhagem da terra.* Então, quase imediatamente, ele decidiu que essa também não era a razão pela qual ela enviara o bilhete, e tendo-o enviado, por que a ele, pois se apenas quisesse que aquilo fosse contado, escrito, ou até mesmo impresso, não teria precisado chamar ninguém—uma mulher que ainda na juventude de seu (de Quentin) pai já se estabelecera como a poeta laureada da cidade e do condado enviando para a severa e reduzida lista de assinantes do jornal do condado poemas, odes, panegíricos e epitáfios, saídos de alguma amarga e implacável reserva de vitória; e isso vindo de uma mulher cujos antecedentes militares, conhecidos tanto na cidade como no condado, consistiam do pai que, como objetor de consciência por motivos religiosos, havia morrido de inanição no sótão de sua própria casa, escondido (emparedado, disseram alguns) ali dos membros da guarda militar confederada e alimentado secretamente à noite por essa mesma filha que naquele exato momento acumulava seu primeiro fólio no qual os não-regenerados vencidos da causa perdida eram embalsamados nome por nome; e o sobrinho que serviu por quatro anos na mesma companhia do noivo de sua irmã e depois o matou com um tiro diante do portão da casa onde a irmã esperava em seu vestido de noiva na véspera do casamento e depois fugiu, desapareceu, ninguém soube para onde.

Ainda passariam três horas até ele descobrir por que ela mandara chamá-lo, porque esta parte, a primeira parte, Quentin já sabia. Era uma parte de sua herança após vinte anos



respirando o mesmo ar e ouvindo seu pai falar daquele homem: uma parte da herança da cidade—de Jefferson—após oitenta anos do mesmo ar que o próprio homem tinha respirado entre aquela tarde de setembro de 1909 e aquela manhã de domingo em junho de 1833 quando entrou cavalgando na cidade pela primeira vez vindo de um passado indefinido e adquiriu sua terra ninguém soube como e construiu sua casa, sua mansão, aparentemente do nada, e casou-se com Ellen Coldfield e gerou seus dois filhos—o filho que enviuvou a filha que ainda não tinha sido noiva—e assim percorreu o curso que lhe cabia até seu violento (a srta. Coldfield, ao menos, teria dito justo) fim. Quentin crescera com aquilo; os meros nomes eram intercambiáveis e quase inumeráveis. Sua infância estava repleta deles; seu corpo mesmo era um salão vazio ecoando sonoros nomes derrotados; ele não era um ser, uma entidade, era uma comunidade. Era um acampamento militar repleto de fantasmas teimosos que olhavam para trás e que ainda estavam se recuperando, quarenta e três anos depois, da febre que curara a doença, despertando da febre sem nem mesmo saber que havia sido contra a febre que tinham lutado e não contra a doença, olhando com recalcitrante teimosia para trás, para além da febre e para a doença com verdadeira nostalgia, enfraquecidos pela febre mas livres da doença e nem mesmo conscientes de que a liberdade vinha da impotência.

“Mas por que falar disso para mim?”, disse ele a seu pai naquela noite, quando voltou para casa depois que ela enfim o dispensou com a promessa de vir buscá-la de charrete; “por que falar disso para mim? Que me importa se o lugar ou a terra ou

seja o que for afinal se cansou dele e se voltou contra ele e o destruiu? E se destruiu mesmo a família dele também? Ele vai se voltar e destruir todos nós algum dia, sejam nossos sobrenomes Sutpen ou Coldfield ou não.”

“Ah”, disse o sr. Compson. “Anos atrás, nós do Sul transformamos nossas mulheres em grandes damas. Aí veio a Guerra e transformou as damas em fantasmas. Então o que mais podemos fazer, cavalheiros que somos, senão ouvir esses fantasmas?” Então ele disse: “Quer saber a verdadeira razão por que ela te escolheu?”. Eles estavam sentados na varanda depois do jantar, esperando pela hora que a srta. Coldfield marcara para Quentin buscá-la. “É porque ela vai precisar de alguém para ir com ela—um homem, um cavalheiro, mas um que ainda seja jovem o suficiente para fazer o que ela quiser, fazê-lo da maneira como ela quer que seja feito. E ela te escolheu porque teu avô era a coisa mais próxima de um amigo que Sutpen jamais teve neste condado, e ela provavelmente acredita que Sutpen talvez tenha dito ao teu avô algo sobre ele próprio e ela, sobre aquele noivado que não durou, aquele compromisso que não se firmou. Talvez tenha até dito ao teu avô por que ela acabou se recusando a casar com ele. E que o teu avô talvez tenha me contado e eu contado a você. E assim, num certo sentido, o caso, a despeito do que possa acontecer lá hoje à noite, ainda estará em família; o esqueleto (se há um esqueleto), ainda no armário. Ela talvez acredite que, se não fosse pela amizade do teu avô, Sutpen poderia não ter conseguido jamais tomar pé por aqui, e que, se não tivesse conseguido, não teria se casado com Ellen. Então, talvez ela te considere parcialmente

responsável, por hereditariedade, pelo que aconteceu a ela e a sua família por meio dele.”)

Fosse qual fosse a razão dela para escolhê-lo, se era essa ou não, chegar à verdade, pensou Quentin, estava demorando muito tempo. Entrementes, como se em proporção inversa à voz desvanecedora, o fantasma invocado do homem a quem ela não poderia perdoar e de quem não poderia se vingar começou a assumir uma qualidade quase de solidez, permanência. Circundado e encerrado em seu eflúvio do inferno, sua aura de incorrigibilidade, ele cismava (cismava, pensava, parecia ser ciente, como se, embora privado da paz—que era de qualquer maneira indiferente à fadiga—que ela se recusara a lhe dar, estivesse ainda irrevogavelmente fora do alcance de suas agressões ou injúrias) com aquela qualidade pacífica e ora inofensiva e nem mesmo muito atenta—o vulto-ogro que, à medida que a voz da srta. Coldfield prosseguia, se revelava perante os olhos de Quentin nos dois filhos meio ogros, os três formando um fundo sombrio para a quarta pessoa. Este era a mãe, a irmã falecida Ellen: essa Níobe sem lágrimas que concebera do demônio numa espécie de pesadelo, que mesmo enquanto viva tinha se movido, mas sem vida, e sofrido, mas sem lágrimas, que agora tinha um ar de tranquila e inconsciente desolação, não como se tivesse sobrevivido aos outros ou morrido primeiro, mas como se jamais houvesse realmente vivido. Quentin parecia vê-los, os quatro posicionados como o grupo familiar tradicional do período, com decoro formal e sem vida, e vistos agora como a própria fotografia antiga e desbotada teria sido vista ampliada e

pendurada na parede atrás e acima da voz e de cuja presença ali a dona da voz nem sequer tinha consciência, como se ela (a srta. Coldfield) jamais tivesse visto este aposento antes—uma foto, um grupo que mesmo para Quentin tinha uma qualidade estranha, contraditória e bizarra; não muito compreensível, não (mesmo para os vinte anos) muito certa—um grupo cujo último membro tinha morrido vinte e cinco anos antes e o primeiro, cinquenta, evocado agora na escuridão abafada de uma casa morta entre o rancor feroz e implacável de uma velha e a impaciência passiva de um jovem de vinte anos dizendo a si mesmo em meio à voz *Talvez você tenha que conhecer uma pessoa muito bem para amá-la, mas quando se odeia alguém por quarenta e três anos você o conhece muito então talvez seja melhor, talvez seja bom porque depois de quarenta e três anos eles já não podem mais surpreendê-lo ou deixá-lo nem muito satisfeito nem muito zangado*. E talvez ela (a voz, a fala, o incrédulo e insuportável espanto) tenha sido um grito alto um dia, pensou Quentin, há muito tempo, quando ela era uma menina—de jovem e indomável não-arrependimento, de acusação de circunstância cega e acontecimento selvagem; mas não agora: agora somente a velha carne feminina, frustrada, solitária, resguardada por quarenta e três anos no velho insulto, a velha rancorosa ultrajada e traída pela afronta final e completa que foi a morte de Sutpen:

“Ele não era um cavalheiro. Não era nem mesmo um cavalheiro. Chegou aqui com um cavalo e duas pistolas e um nome que ninguém jamais ouvira antes, ou soubera ao certo se era mesmo seu, não mais que o cavalo ou mesmo as pistolas,

procurando algum lugar para se esconder, e o Condado de Yoknapatawpha lhe deu um. Ele buscou o aval de homens honrados para protegê-lo dos outros estranhos que viriam depois e poderiam vir procurá-lo, e Jefferson deu-lhe isso. Então ele precisou de respeitabilidade, do escudo de uma mulher virtuosa, para tornar sua posição inexpugnável mesmo contra os homens que lhe tinham dado proteção no dia e na hora inevitável em que até mesmo eles haveriam de se levantar contra ele em desprezo e horror e ultraje; e foi o meu pai e de Ellen quem lhe deu isso. Oh, eu não defendo Ellen: uma tola romântica e cega que tinha apenas a mocidade e a inexperiência para desculpá-la, quando muito; tola romântica e cega, depois tola mulher, mãe e cega quando já não tinha mais nem a juventude nem a inexperiência para desculpá-la, quando estava morrendo naquela casa pela qual trocara orgulho e paz e ninguém mais ali além da filha que já era o mesmo que uma viúva sem jamais ter sido uma noiva e que viria a ser, três anos depois, uma viúva de verdade sem ter sido absolutamente nada, e o filho que tinha repudiado o teto sob o qual nascera e ao qual voltaria apenas uma vez antes de desaparecer para sempre, e como um assassino e quase um fratricida; e ele, demônio salafatório e diabo, lutando na Virgínia onde as chances de a terra ficar livre dele eram melhores do que nunca, mas Ellen e eu sabendo que ele voltaria, que todos os homens de nossos exércitos teriam que tombar antes que bala ou projétil o atingisse; e somente eu, uma criança, uma criança, veja bem, quatro anos mais nova que a própria sobrinha que me pediram que salvasse, para quem Ellen se virou e disse: ‘Proteja-a.

Proteja Judith pelo menos'. Sim, tola, romântica e cega, que nem mesmo possuía aquelas cem milhas de propriedade que aparentemente impressionaram nosso pai nem aquele casarão e a ideia de escravos para servi-la dia e noite que abrandaram, não direi comoveram, sua tia. Não: apenas o rosto de um homem que de algum jeito conseguia ser arrogante mesmo em cima de um cavalo—um homem que até onde qualquer um (inclusive o pai que lhe daria uma filha em casamento) sabia, ou não tinha nenhum passado, ou não ousava revelá-lo—um homem que chegou à cidade vindo do nada com um cavalo e duas pistolas e uma horda de bestas selvagens que ele tinha caçado sem ajuda porque era mais temível até do que eles, em sabe-se lá que lugar pagão de onde tinha fugido, e aquele arquiteto francês que parecia ter sido caçado e apanhado por sua vez pelos negros—um homem que fugiu para cá e se escondeu, se ocultou por trás da respeitabilidade, por trás daquelas cem milhas de terra que tomou de uma tribo de índios ignorantes, ninguém sabe como, e de uma casa do tamanho de um fórum onde ele viveu por três anos sem uma janela ou porta ou cama e à qual chamava Centena de Sutpen como se tivesse sido uma concessão real em caráter perpétuo a seu bisavô—um lar, uma posição: uma esposa e uma família que, sendo necessários para a ocultação, ele aceitou junto com o resto de respeitabilidade como teria aceitado o necessário desconforto e mesmo a dor das urzes e sarças num matagal se o matagal pudesse lhe dar a proteção que procurava.

“Não: nem mesmo um cavalheiro. Casar-se com Ellen ou casar-se com dez mil Ellens não poderia ter feito dele um

cavalheiro. Não que ele quisesse ser um, nem mesmo ser tomado por um. Não. Isso não era necessário, pois tudo de que precisava eram os nomes de Ellen e de nosso pai numa certidão de casamento (ou em qualquer outro atestado de respeitabilidade) que as pessoas poderiam olhar e ler assim como ele teria querido a assinatura de nosso pai (ou de algum outro homem de boa reputação) numa nota promissória porque nosso pai sabia quem era seu pai no Tennessee e quem seu avô tinha sido na Virgínia e nossos vizinhos e as pessoas entre as quais vivíamos sabiam que nós sabíamos e nós sabíamos que elas sabiam que nós sabíamos e nós sabíamos que elas teriam acreditado em nós sobre de quem e de onde ele tinha vindo mesmo se tivéssemos mentido, assim como qualquer um teria olhado para ele uma vez e sabido que estaria mentindo sobre de quem e de onde e por que viera pelo próprio fato de que aparentemente ele tinha se recusado a dizer. E o próprio fato de que ele teve que escolher a respeitabilidade para se esconder atrás dela era prova suficiente (se alguém ainda precisava de alguma prova) de que aquilo do que ele fugira devia ser algum oposto da respeitabilidade, tenebroso demais para ser mencionado. Porque ele era jovem demais. Tinha apenas vinte e cinco anos e um homem de vinte e cinco não passa voluntariamente pelo sofrimento e pela privação de limpar terra virgem e estabelecer uma plantação em terra virgem apenas por dinheiro; não um homem jovem sem nenhum passado que aparentemente lhe interessasse discutir, em 1833 no Mississippi, com um rio cheio de vapores lotados de tolos bêbados cobertos de diamantes e dispostos a jogar fora seu

algodão e seus escravos antes de o barco chegar a New Orleans — não com tudo isso a apenas uma noite de cavalgada de distância e tendo como única desvantagem ou obstáculo os outros salafrários ou o risco de ser expulso do barco e deixado num banco de areia e, no caso mais extremo, uma corda de cânhamo. E ele não era nenhum filho caçula enviado de alguma região antiga e tranquila como a Virgínia ou a Carolina com os negros excedentes para se apoderar de terras novas, porque qualquer um que olhasse para aqueles negros dele saberia que eles poderiam ter vindo (e provavelmente vieram) de uma região muito mais antiga do que a Virgínia ou a Carolina, mas que não era uma região tranquila. E qualquer um que visse seu rosto uma vez saberia que ele teria preferido o rio e até mesmo a certeza da corda de cânhamo a fazer o que fez, mesmo se tivesse sabido que encontraria ouro enterrado e esperando por ele bem ali na terra que tinha comprado.” Não. Não defendo Ellen mais do que a mim mesma. Defendo-me ainda menos porque tive vinte anos para observá-lo, ao passo que Ellen teve apenas cinco. E nem mesmo aqueles cinco para observá-lo, mas apenas para ouvir pelos outros o que ele estava fazendo, e nem mesmo ouvir mais do que a metade disso, pois aparentemente a metade do que ele realmente fez naqueles cinco anos ninguém jamais ficou sabendo, e metade do resto nenhum homem teria repetido nem para a esposa, quanto mais para uma mocinha. Ele chegou aqui e montou um espetáculo de variedades que durou cinco anos e Jefferson pagou-lhe pela diversão no mínimo protegendo-o a ponto de não contar a suas mulheres o que ele andava fazendo. Mas eu tive toda a minha



vida para observá-lo, pois aparentemente e por razão que os Céus não consideraram apropriado revelar, minha vida estava destinada a terminar numa tarde de abril quarenta e três anos atrás, pois até mesmo alguém que tenha tido tão pouco para chamar de vida como eu tive até aquela ocasião não chamaria de vida o que tive desde então. Vi o que tinha acontecido com Ellen, minha irmã. Eu a vi quase uma reclusa, vendo crescer aquelas duas crianças condenadas que ela era impotente para salvar. Vi o preço que ela pagara por aquela casa e aquele orgulho; vi as promissórias sobre o orgulho e o contentamento, e a paz e tudo em que ela pusera sua assinatura quando tinha entrado na igreja naquela noite, começarem a vencer uma a uma. Vi o casamento de Judith proibido sem pé nem cabeça nem sombra de desculpa; vi Ellen morrer tendo apenas eu, uma criança, a quem se voltar e pedir que protegesse a filha que lhe restava; vi Henry repudiar seu lar e seu direito de primogenitura e depois retornar e praticamente jogar o cadáver ensanguentado do namorado da irmã na barra do seu vestido de noiva; vi aquele homem voltar—a fonte e o mandante do mal que sobreviveu a todas as suas vítimas—que gerou dois filhos não só para se destruírem um ao outro e sua própria linhagem, mas a minha linhagem também, e ainda assim aceitei casar-me com ele.

“Não. Não me defendo. Não alego juventude, pois que criatura no Sul desde 1861, seja homem mulher preto ou mula, teve tempo ou oportunidade não só de ter sido jovem, mas de ter ouvido como era ser jovem dos que tinham sido. Não alego proximidade: o fato de que eu, uma mulher jovem e em idade

de casar e numa época em que a maioria dos homens jovens a quem eu teria conhecido em geral estava morta em campos de batalhas perdidos, de que vivi por dois anos sob o mesmo teto que ele. Não alego necessidade material: o fato de que, órfã mulher e pobre, recorri naturalmente, não por proteção, mas por comida mesmo, a meus únicos parentes: a família da minha falecida irmã: mas desafio qualquer um a me acusar, uma órfã de vinte anos, uma jovem mulher sem recursos, que deveria desejar não só justificar a sua situação, mas também defender a honra de uma família cuja boa reputação das mulheres jamais fora posta em questão, aceitando a honrada proposta de casamento do homem de cuja comida ela era obrigada a subsistir. E sobretudo, não alego eu mesma: uma mulher jovem saindo de um holocausto que tinha tirado os pais, a segurança e tudo dela, que tinha visto tudo o que a vida significava para ela cair em ruínas aos pés de umas poucas figuras com as formas de homens mas com os nomes e estaturas de heróis; — uma mulher jovem, insisto, obrigada a ter contato diário e ininterrupto com um desses homens que, a despeito do que ele foi durante uma época e a despeito do que ela pudesse ter acreditado ou mesmo sabido sobre ele, tinham combatido por quatro honrosos anos pelo solo e tradições da terra onde ela nascera (e o homem que fizera isso, por rematado vilão que fosse, teria possuído aos seus olhos, ainda que somente por associação com eles, a estatura e forma de um herói também) e agora ele também saindo do mesmo holocausto em que ela sofrera, sem nada para enfrentar o que o futuro reservara para o Sul além de suas próprias mãos e da espada que ele, ao menos, jamais entregara, e a

condecoração por bravura de seu derrotado comandante em chefe. Oh, ele era corajoso. Jamais neguei isso. Mas que nossa causa, até mesmo nossa vida e esperanças futuras e orgulho passado tenham sido atirados na balança com homens como aquele para defendê-los—homens com coragem e força, mas sem piedade ou honra. É de se espantar que o Céu tenha decidido nos deixar perder?”

“Não, senhora”, disse Quentin.

“Mas que tenha sido nosso pai, o meu e de Ellen entre todos que ele conhecia, entre todos os que costumavam ir lá e beber e jogar com ele e vê-lo lutar com aqueles negros selvagens, cujas filhas ele poderia até ter ganhado nas cartas. Que tenha sido nosso pai. Como ele pode ter abordado papai, com que pretexto; o que pode ter havido além da cortesia comum de dois homens encontrando-se na rua, entre um homem que veio do nada ou de algum lugar que não ousava mencionar e nosso pai; o que pode ter havido entre um homem como esse e papai—um voluntário da Igreja Metodista, um comerciante que não era rico e que não só não poderia fazer nada neste mundo para aumentar a fortuna ou as perspectivas dele, mas não poderia, por nenhum esforço da imaginação, sequer ter possuído alguma coisa que poderia ter desejado, nem mesmo apanhado na rua—, um homem que não possuía nem terra nem escravos além de dois criados domésticos a quem ele tinha libertado tão logo os obteve, os comprou, que nem bebia nem caçava nem jogava; o que poderia haver entre papai e um homem que, como eu bem sei, não entrou numa igreja de Jefferson mais do que três vezes em sua vida—a vez em que viu Ellen pela primeira vez, a

vez em que eles ensaiaram o casamento, a vez em que o realizaram—um homem que qualquer um podia ver que, mesmo que aparentemente não tivesse nenhum agora, estava acostumado a ter dinheiro e pretendia ter de novo e não teria escrúpulos sobre como obtê-lo—esse homem descobrir Ellen dentro de uma igreja. Numa igreja, repare, como se houvesse uma fatalidade e maldição sobre nossa família e o próprio Deus estivesse cuidando que fosse realizada e paga até a última gota e pó. Sim, fatalidade e maldição sobre o Sul e sobre a nossa família como se algum ancestral nosso tivesse sido escolhido para estabelecer sua descendência numa terra propícia à fatalidade e já amaldiçoada por ela, mesmo que não tenha sido a nossa família, os progenitores de nosso pai, que tenham incorrido na maldição muitos anos antes e sido coagidos pelo Céu a se estabelecerem na terra e no tempo já amaldiçoados. De modo que mesmo eu, uma criança ainda nova demais para saber mais do que isso, embora Ellen fosse minha própria irmã e Henry e Judith meus próprios sobrinhos, eu era proibida até mesmo de ir lá exceto quando papai ou minha tia estava comigo e era proibida de brincar com Henry e Judith sempre, exceto na casa (e não porque eu era quatro anos mais nova do que Judith e seis anos mais nova do que Henry: não foi para mim que Ellen se virou antes de morrer e disse ‘Proteja-os?’)—mesmo eu costumava me perguntar o que nosso pai ou o pai dele poderia ter feito antes dele se casar com nossa mãe que Ellen e eu teríamos que expiar e uma de nós apenas não seria suficiente; que crime cometido teria deixado nossa família

amaldiçoada para sermos instrumentos não só da destruição desse homem, mas também da nossa.”

“Sim, senhora”, disse Quentin.

“Sim”, disse a voz calma e soturna de cima do triângulo imóvel de renda baça; e agora, entre os pensativos e decorosos espectros Quentin pareceu discernir a figura de uma menininha, com a saia engomada com calça por baixo e as tranças sedosas, bem-feitas e decorosas do tempo morto. Ela parecia estar de pé, à espreita, atrás da cerca de ripas regulares de um pequeno pátio ou gramado com o aspecto austero típico da classe média olhando para o incompreensível mundo ogro daquela rua calma de vilarejo com aquele ar de filha que nasceu tarde demais na vida dos pais e fadada a contemplar todo comportamento humano através das complexas e desnecessárias tolices dos adultos—um ar de Cassandra, mal-humorado, profunda e duramente profético de maneira totalmente desproporcional à idade real até mesmo de uma criança que jamais tinha sido jovem. “Porque eu nasci tarde demais. Nasci vinte e dois anos tarde demais—uma criança para quem, pelas conversas entreouvidas de adultos, os rostos de minha irmã e dos filhos de minha irmã vieram a parecer os rostos de um ogro de fábula, entre o jantar e a cama, muito antes de eu ser velha o bastante ou grande o bastante para ter permissão de brincar com eles, mas para quem essa irmã teve que apelar, enfim, quando estava em seu leito de morte, com um dos filhos desaparecido e condenado a ser um assassino e a outra condenada a ser uma viúva antes mesmo de ter sido noiva, e dizer: ‘Proteja-a, ao menos. Ao menos salve Judith’. Uma

criança, que porém com o instinto concedido às crianças pôde dar aquela resposta que a sabedoria madura de seus mais velhos aparentemente não deu: ‘Protegê-la? De quem e do quê? Ele já lhes deu a vida: não precisa lhes fazer mais nenhum mal. É deles mesmos que eles precisam de proteção’.”

Devia ser mais tarde do que parecia; devia ser mais tarde, mas o rajado dos talhos amarelos de luz solar palpitando de pó não estavam mais altos na parede impalpável de escuridão que os separava; o sol mal parecia ter se movido. Aquilo (o falar, o narrar) dava a impressão (a ele, a Quentin) de possuir a mesma qualidade de escárnio da lógica e da razão que um sonho tem e que o sonhador sabe que deve ter ocorrido, qualidade natimorta e completa num segundo, porém a própria qualidade da qual ele precisa depender para conduzir o sonhador (verossimilhança) à credulidade—horror ou prazer ou espanto—depende tão completamente de um reconhecimento formal e de uma aceitação de tempo transcorrido e ainda transcorrendo como a música ou uma história impressa. “Sim. Eu nasci tarde demais. Era uma criança que haveria de lembrar aquelas três faces (e a dele, também) como foram vistas pela primeira vez no coche naquela primeira manhã de domingo em que esta cidade finalmente percebeu que ele transformara aquela estrada que ia da Centena de Sutpen até a igreja numa pista de corrida. Eu tinha três anos então e sem dúvida já os tinha visto; devia ter. Mas não me lembro disso. Nem sequer me lembro de ter visto Ellen antes daquele domingo. Era como se a irmã em quem eu jamais pusera os olhos, que antes de eu nascer desaparecera na fortaleza de um ogro ou gênio do mal, estivesse de volta, com

uma licença de um dia apenas, ao mundo que tinha deixado, e eu uma criança de três anos, acordada mais cedo para a ocasião, vestida e cacheada como se fosse Natal, ou uma ocasião mais séria que o Natal até, pois afinal esse ogro ou gênio do mal tinha concordado pelo bem da esposa e dos filhos em vir à igreja, para permitir-lhes ao menos se aproximarem dos arredores da salvação, para ao menos dar a Ellen uma chance de lutar com ele pela alma daquelas crianças num campo de batalha onde ela poderia ser apoiada não só pelo Céu mas por sua própria família e por pessoas como ela; sim, até mesmo por um momento submetendo-se à redenção ou, na falta disso, ao menos cavalheiresco por um instante ainda que não regenerado. Isso é o que eu esperava. Isso foi o que eu vi enquanto estava ali parada diante da igreja entre papai e nossa tia e esperava o coche chegar após ter atravessado as doze milhas. E embora eu deva ter visto Ellen e as crianças antes disso, esta é a visão da primeira vez em que os vi que levarei para o túmulo: um vislumbre como que da frente de um tornado, do coche e do rosto branco e comprido de Ellen lá dentro e das duas réplicas em miniatura do rosto dele, uma de cada lado, e no assento da frente o rosto e os dentes do negro selvagem que estava conduzindo, e ele, seu rosto exatamente como o do negro salvo pelos dentes (isso por causa de sua barba, certamente)—tudo num estrondo e numa fúria de cavalos de olhos alucinados e de galope e de poeira.

“Oh, tinha muitos deles para incitá-lo, assistir a ele, fazer daquilo uma corrida; dez horas da manhã de domingo, o coche correndo sobre duas rodas até bem na frente da porta da igreja

com aquele negro selvagem em suas roupas de cristão igualzinho a um tigre de circo de guarda-pó e cartola, e Ellen sem uma gota de sangue no rosto, abraçando aquelas duas crianças que não estavam chorando e que não precisavam ser abraçadas, que estavam sentadas uma de cada lado dela, perfeitamente imóveis também, exibindo em seus rostos aquela enormidade infantil que nós não compreendíamos muito bem na época. Oh, sim, tinha muitos para ajudá-lo e incitá-lo; nem mesmo ele poderia realizar uma corrida de cavalo sem outra pessoa com quem competir. Porque não foi nem a opinião pública que o fez parar, nem os homens que poderiam ter esposa e filhos em coches para ser atropelados e atirados em valetas: foi o ministro em pessoa, falando em nome das mulheres de Jefferson e do Condado de Yoknapatawpha. Então ele parou de vir à igreja; passaram a ser apenas Ellen e as crianças no coche nos domingos de manhã, de modo que nós soubemos que pelo menos não haveria mais apostas, pois ninguém poderia dizer se foi uma corrida de verdade ou não, pois agora, com o rosto dele ausente, ficou apenas o rosto absolutamente inescrutável do negro selvagem com os dentes cintilando um pouco, de modo que agora jamais poderíamos saber se foi uma corrida ou um cavalo desembestado e, se houve triunfo, foi no rosto a doze milhas atrás lá na Centena de Sutpen, que nem mesmo precisava ver ou estar presente. Era o negro então, que no ato de ultrapassar outro coche falava com a outra parelha como falava com a sua—alguma coisa sem palavras, sem precisar de palavras provavelmente, naquela língua em que eles dormiam na lama daquele pântano e que



trouxeram para cá de sabe-se lá qual pântano sombrio onde ele os encontrara e os trouxera para cá: — o pó, o estrondo, o coche rodopiando até a porta da igreja enquanto mulheres e crianças se espalhavam e gritavam diante dele e homens seguravam as rédeas da outra parelha. E o negro deixava Ellen e as crianças à porta e levava o coche para amarrar nas árvores do bosque fustigando os cavalos por terem desembestado; houve até um tolo que tentou interferir uma vez, ao que o negro se virou para ele com o chicote levantado e os dentes um pouco à mostra e disse: ‘O Sinhô diz; eu faz. Ocê fala co’ Sinhô’.

“Sim. Deles; deles mesmos. E dessa vez nem foi o ministro. Foi Ellen. Nossa tia e papai estavam conversando e eu entrei e minha tia disse ‘Vá lá fora brincar’, porém, mesmo que eu não tivesse conseguido ouvir através da porta, poderia ter repetido a conversa para eles: ‘Sua filha, sua própria filha’, disse minha tia. E papai: ‘Sim. Ela é minha filha. Quando ela quiser que eu interfira ela mesma me dirá’. Porque nesse domingo quando Ellen e as crianças chegaram à porta da frente, não era o coche esperando, era o faetonte de Ellen com a velha égua mansa que ela conduzia e o cavalição que ele tinha comprado em vez do negro selvagem. E Judith olhou uma vez para o faetonte e percebeu o que aquilo significava e começou a gritar, gritando e esperneando enquanto eles a traziam de volta para dentro de casa e a colocavam na cama. Não, ele não estava presente. Tampouco eu afirmo que havia um rosto triunfante espreitando por trás da cortina da janela. Ele provavelmente teria ficado tão espantado quanto nós estávamos, pois todos percebíamos agora que estávamos diante de mais do que um acesso de raiva

infantil ou mesmo de histeria: que o rosto dele estivera naquele coche o tempo todo; que fora Judith, uma garota de seis anos, que instigara e autorizara aquele negro a fazer a parelha desembestar. Não Henry, repare; não o garoto, o que já teria sido suficientemente escandaloso; mas Judith, a menina. Assim que papai e eu cruzamos aqueles portões naquela tarde e começamos a subir a alameda na direção da casa, pude sentir aquilo. Era como se em algum lugar da calma e da paz daquela tarde de domingo os gritos daquela criança ainda existissem, persistissem, não mais como um som mas como algo para a pele ouvir, para o cabelo na cabeça ouvir. Mas eu não perguntei de imediato. Tinha apenas quatro anos então; continuei sentada na charrete ao lado de papai como continuara entre ele e minha tia diante da igreja naquele primeiro domingo em que fora vestida para ver minha irmã e meu sobrinho e sobrinha pela primeira vez, olhando para a casa (já estivera lá dentro antes, claro, mas mesmo quando a vi pela primeira vez de que me lembro eu parecia já saber que aparência ela teria assim como parecia saber qual a aparência que teriam Ellen e Judith e Henry antes de os ver na vez que eu sempre me lembro como sendo a primeira). Não, não perguntando nem então, mas apenas olhando para a casa enorme e silenciosa, dizendo ‘Em que quarto Judith está doente, papai?’ com aquela calma aptidão de uma criança para aceitar o inexplicável, embora agora eu saiba que mesmo naquele momento estava tentando imaginar o que Judith vira quando saíra pela porta e encontrara o faetonte em lugar do coche, o cavaliariço manso em lugar do homem selvagem; o que ela vira naquele faetonte que parecia